

SERVIÇO SOCIAL:

Aplicação da ciência e seus antagonismos

Eduardo José da Silva Tomé Marques
Adriana Regina Vettorazzi Schmitt
(Organizadores)



Atena
Editora
Ano 2021

SERVIÇO SOCIAL:

Aplicação da ciência e seus antagonismos

Eduardo José da Silva Tomé Marques
Adriana Regina Vettorazzi Schmitt
(Organizadores)



Atena
Editora
Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

iStock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa da Fontoura Custódio Monteiro – Universidade do Vale do Sapucaí
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Sidney Gonçalves de Lima – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angéli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobom – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Profª Ma. Adriana Regina Vettorazzi Schmitt – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alessandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Carlos Augusto Zilli – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará

Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Edson Ribeiro de Britto de Almeida Junior – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Prof. Me. Francisco Sérgio Lopes Vasconcelos Filho – Universidade Federal do Cariri
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Lilian de Souza – Faculdade de Tecnologia de Itu
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Me. Luiz Renato da Silva Rocha – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos

Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Prof. Me. Marcos Roberto Gregolin – Agência de Desenvolvimento Regional do Extremo Oeste do Paraná
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Dr. Pedro Henrique Abreu Moura – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Rafael Cunha Ferro – Universidade Anhembí Morumbi
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renan Monteiro do Nascimento – Universidade de Brasília
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Dr. Sullivan Pereira Dantas – Prefeitura Municipal de Fortaleza
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Universidade Estadual do Ceará
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Serviço social: aplicação da ciência e seus antagonismos

Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os autores
Organizadores: Eduardo José da Silva Tomé Marques
Adriana Regina Vettorazzi Schmitt

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S491 Serviço social: aplicação da ciência e seus antagonismos / Organizadores Eduardo José da Silva Tomé Marques, Adriana Regina Vettorazzi Schmitt. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-299-6

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.996211607>

1. Serviço social. I. Marques, Eduardo José Da Silva Tomé (Organizador). II. Schmitt, Adriana Regina Vettorazzi (Organizadora). III. Título.

CDD 360

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, desta forma não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

APRESENTAÇÃO

O e-book “Serviço Social: Aplicação da Ciência e seus Antagonismos” é uma obra que tem como foco principal sistematizar a relação entre as teorias que fundamentam o Serviço Social e a discussão científica da Aplicação da Ciência no cotidiano profissional. O volume abordará de forma ordenada trabalhos, pesquisas, relatos de casos e/ou revisões que refletem os vários caminhos da práxis dos(as) assistentes sociais, estudantes e pesquisadores(as).

O objetivo central é apresentar de forma categorizada e clara estudos desenvolvidos por diversos(as) pesquisadores(as), tendo como linha condutora a diversidade na apresentação de temas de serviço social orientados para a ciência, os antagonismos e enfrentamentos da profissão na contemporaneidade. Em cada capítulo são apresentados os resultados de diversas pesquisas e reflexões com abordagens atuais de temáticas relevantes.

Nesse contexto, o primeiro capítulo da obra apresenta um tema novo ao serviço social brasileiro e de Portugal. O escrito aborda os desafios contemporâneos do serviço social ambiental, com foco nas potencialidades das intervenções assistidas por animais e, também, a necessidade de uma reflexão epistemológica sobre a construção de conhecimentos nesta área, para o bem estar social e animal.

O segundo capítulo aborda as tendências da política de ensino superior brasileira nas últimas décadas, buscando compreender as racionalidades desta política na contemporaneidade, bem como, a complexidade desses processos na formação profissional.

No terceiro capítulo, apresenta-se a relação entre a teoria social marxista e o serviço social, que marca o movimento de renovação crítica do serviço social brasileiro e determina os contornos do atual projeto ético e político da profissão e seus desafios.

O quarto capítulo trata da historicidade e complexidade marxista, refletindo-se sobre o conceito de intelectual orgânico em Gramsci, para o desenvolvimento de uma práxis política e profissional de democratização da vida social.

O quinto capítulo apresenta uma análise das questões do serviço social na saúde e as relações familiares e de gênero nos atendimentos do serviço social na saúde e hospitalar.

O sexto capítulo tem como objetivo realizar uma reflexão acerca da importância do olhar crítico do(as) assistente social nas ações preventivas e socioeducativas na perspectiva da proteção integral de crianças e adolescentes.

O sétimo capítulo analisa o trabalho do(a) assistente social com usuários de álcool e drogas, e os aspectos teóricos e metodológicos, na materialização no contexto da reabilitação de pessoas dependentes de álcool e drogas e as questões sociais.

No oitavo capítulo, apresenta-se os resultados da pesquisa sobre a família e o

projeto terapêutico com vistas à desconstrução de uma cultura manicomial.

No nono capítulo, discute-se um problema de saúde pública por meio de uma revisão bibliográfica sobre o processo do envelhecimento e sua relação com o suicídio na pessoa idosa.

O décimo capítulo, dando sequência ao tema sobre idosos, trata do trabalho educativo do serviço social em uma universidade de terceira idade.

Na sequência, versando sobre um tema fundamental nos dias atuais, o estudo debate sobre feminização da pobreza e a resistência das mulheres, como sujeito de classe na luta contra o patriarcado e contra o racismo”.

No décimo segundo capítulo, apresenta-se apontamentos sobre o trabalho do assistente social no Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), esse que é uma das principais portas de atendimento do Serviço Social no Brasil.

Para concluir, registra-se a análise da experiência de estágio realizado no DEINFRA.

Deste modo o “Serviço Social: Aplicação da Ciência e seus Antagonismos” apresenta uma teoria bem fundamentada nos resultados obtidos pelos diversos professores e acadêmicos que arduamente desenvolveram seus trabalhos que aqui estão apresentados de maneira concisa e didática. Sabemos o quão importante é a divulgação científica, para a geração de novos saberes em todas as áreas do Serviço Social, enquanto fomentadora de novas pesquisa e aprimoramento intelectual e profissional.

Boa leitura a todos e a todas.

Eduardo José da Silva Tomé Marques
Adriana Regina Vettorazzi Schmitt

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

OS DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS DO SERVIÇO SOCIAL AMBIENTAL: CONTRIBUTOS PARA UMA REFLEXÃO EPISTEMOLÓGICA SOBRE AS POTENCIALIDADES DAS INTERVENÇÕES ASSISTIDAS COM ANIMAIS

Joana Filipa Peres Gomes

Eduardo José da Silva Tomé Marques

Adriana Regina Vettorazzi Schmitt

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9962116071>

CAPÍTULO 2..... 20

CONTRAREFORMA EDUCACIONAL: AS TENSÕES ENTRE A POLÍTICA DE EDUCAÇÃO SUPERIOR E PROJETO DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL DO SERVIÇO SOCIAL

Carla do Nascimento Santos Morani

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9962116072>

CAPÍTULO 3..... 31

SERVIÇO SOCIAL E MARXISMO: FUNDAMENTOS E DESAFIOS AO PROJETO ÉTICO-POLÍTICO DO SERVIÇO SOCIAL BRASILEIRO

Daniela Neves

Janaiky Almeida

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9962116073>

CAPÍTULO 4..... 42

CONVERGÊNCIAS HISTÓRICAS ENTRE GRAMSCI E LUKACS: REFLEXÕES SOBRE O INTELLECTUAL ORGÂNICO E O SERVIÇO SOCIAL

Luci Faria Pinheiro

Taíza da Silva Gama

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9962116074>

CAPÍTULO 5..... 57

FAMÍLIA, GÊNERO, NEGLIGÊNCIA E CUIDADO NA ATENÇÃO À SAÚDE DA CRIANÇA. BREVE REFLEXÃO SOBRE AS DEMANDAS DIRECIONADAS PELA EQUIPE DE SAÚDE AO SERVIÇO SOCIAL

Tereza Cristina Ferreira da Silva

Ivaneide Ledo Lobato

Luciana da Silva Catete

Débora dos Santos de Menezes

Lorena Gama de Almeida

Anastácia Emanuele Araújo Coutinho

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9962116075>

CAPÍTULO 6..... 68

A IMPORTÂNCIA DO OLHAR CRÍTICO DA/O ASSISTENTE SOCIAL NA PROTEÇÃO INTEGRAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES: AÇÕES PREVENTIVAS E

SOCIOEDUCATIVAS DESENVOLVIDAS PELA INSTITUIÇÃO FICAR DE BEM

Keila Rafaela de Queiroz
Cléverson Gonçalves de Oliveira
Laizi Marques Santos Souza
Alais Firmino Cordeiro
Izabella Lage Cambraia de Oliveira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9962116076>

CAPÍTULO 7..... 76

O TRABALHO DO/A ASSISTENTE SOCIAL COM USUÁRIOS DE ÁLCOOL E DROGAS NO CENTRO DE ATENÇÃO PSICOSOCIAL ALCOOL E DROGAS

Maria da Consolação Pitanga de Sousa
Mayza Costa Araújo
Ana Valéria Matias Cardoso

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9962116077>

CAPÍTULO 8..... 88

FAMÍLIA E PROJETO TERAPÊUTICO SINGULAR: MECANISMOS PARA DESCONSTRUÇÃO DE UMA CULTURA MANICOMIAL

Sonia Maria da Silva Reis

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9962116078>

CAPÍTULO 9..... 99

O PROCESSO DE ENVELHECIMENTO E SUA RELAÇÃO COM O SUICÍDIO NA PESSOA IDOSA: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Renata Maria Assunção de Carvalho Sousa
Geovane Soares Mendes
Graziella Freitas da Costa Carneiro
Guilherme Antônio Lopes de Oliveira
Márcia Regina Galvão de Almeida

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9962116079>

CAPÍTULO 10..... 111

O TRABALHO EDUCATIVO DO SERVIÇO SOCIAL EM UMA UNIVERSIDADE DE TERCEIRA IDADE

Alzira Tereza Garcia Lobato
Carla Virginia Urich Lobato

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.99621160710>

CAPÍTULO 11..... 120

FEMINIZAÇÃO DA POBREZA E A RESISTÊNCIA DAS MULHERES: RELAÇÕES PATRIARCAIS DE SEXO NA COMPLEXIDADE DA LUTA DE CLASSES

Ana Lúcia de Lima Gomes
Suzérica Helena de Moura Mafra

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.99621160711>

CAPÍTULO 12.....	132
O TRABALHO DO ASSISTENTE SOCIAL NO CRAS: ALGUNS APONTAMENTOS SOBRE A INTERVENÇÃO PROFISSIONAL	
Carla Cristina Marinho Piva	
Chris Giselle Pegas Pereira da Silva	
Cristiane de Barros Pereira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.99621160712	
CAPÍTULO 13.....	142
RESULTADO PARCIAL DO RELATÓRIO DE ESTÁGIO NÃO OBRIGATÓRIO REALIZADO NO DEINFRA — FLORIANÓPOLIS/SC	
Jozadake Petry Fausto Vitorino	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.99621160713	
SOBRE OS ORGANIZADORES	148
ÍNDICE REMISSIVO.....	150

CAPÍTULO 11

FEMINIZAÇÃO DA POBREZA E A RESISTÊNCIA DAS MULHERES: RELAÇÕES PATRIARCAIS DE SEXO NA COMPLEXIDADE DA LUTA DE CLASSES

Data de aceite: 01/07/2021

Data de submissão: 04/06/2021

Ana Lúcia de Lima Gomes

Programa de Pós-graduação em Serviço Social, Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Natal – RN
<http://lattes.cnpq.br/5720350152574624>

Suzérica Helena de Moura Mafra

Programa de Pós-graduação em Serviço Social, Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Natal – RN
<http://lattes.cnpq.br/1604277551113450>

RESUMO: Este artigo pretensão de contribuir com o debate sobre a feminização da pobreza enquanto expressão da Questão Social no Brasil contemporâneo. Dessa forma, trata-se de uma incitação ao debate sobre a necessidade de analisar as mulheres em situação de pobreza como sujeito parte da classe trabalhadora desse tempo e dessa forma, que é atacada não apenas pelas contradições do capitalismo, mas também de sua articulação com patriarcado e com o racismo, sendo assim, sujeito ativo na luta de classes. Indubitavelmente, para entender o tempo presente com maior profundidade, precisamos aumentar a potencialidade de nossas análises sobre os diversos sujeitos que constroem as relações sociais. Assim, para entender a extensão da contradição entre o sistema

social vigente (patriarcado-racista-capitalista) e os diversos sujeitos que compõem a classe trabalhadora atual é que elencamos as mulheres pobres como sujeitos dessa análise. Em vista disso, com aporte no método crítico-dialético, realizamos uma pesquisa de cunho bibliográfico e articulamos pontos que consideramos de extrema pertinência a este debate, para que seja para além de uma contribuição teórica, mas um estímulo à discussão.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres. Pobreza. Feminismo. Luta de Classes.

FEMINIZATION OF POVERTY AND WOMEN'S RESISTANCE: PATRIARCHAL SEX RELATIONS IN THE COMPLEXITY OF CLASS STRUGGLE

ABSTRACT: This article intends to contribute to the debate on the feminization of poverty as an expression of the Social Question in contemporary Brazil. Thus, it is an incitement to debate on the need to analyze women in poverty as a subject part of the working class of that time and, therefore, which is attacked not only by the contradictions of capitalism, but also by its articulation with patriarchy and racism, thus being an active subject in the class struggle. Undoubtedly, to understand the present time in greater depth, we need to increase the potential of our analyzes of the different subjects that build social relations. Thus, to understand the extent of the contradiction between the current social system (patriarchy-racist-capitalist) and the various subjects that make up the current working class, we listed poor women as subjects of this analysis. In view of this, with a contribution to

the critical-dialectical method, we carried out a bibliographic research and articulated points that we consider of extreme relevance to this debate, so that it goes beyond a theoretical contribution, but a stimulus for discussion.

KEYWORDS: Women. Poverty. Feminism. Class struggle.

1 | INTRODUÇÃO

A contemporaneidade é marcada pelo aligeiramento e pelo apelo a efemeridade das relações humanas. Cada dia é preciso ter maior firmeza na materialidade e na supressão do imediatismo para que não entremos na brevidade que este tempo nos impõe. O ser humano como ser socialmente construído tem um processo histórico e as relações travadas para que o presente seja como é tem construção fincada nas relações passadas. Dessa forma, o exercício cotidiano de investigar a realidade é cada vez mais impreterível para que possamos não apenas conhecer o presente, mas para construir caminhos para o futuro.

Fazer pesquisa, tem como sua grande força motriz a tentativa de compreender a realidade que nos é apresentada. Não é uma prerrogativa exclusiva aos profissionais que se inserem na academia, mas uma capacidade essencial para todas as profissões que atuam na realidade social. Não pesquisar é fadar-se a não compreender o real, e para tantas profissões que atuam nele, significa tender a uma prática desqualificada ou distante objetivamente das demandas apresentadas pelas pessoas no cotidiano do trabalho.

Dessa forma, pensar a intervenção da pesquisa social é remeter a necessidade de compreender a realidade com o fim de realizar uma intervenção qualificada junto a ela. Pensar o movimento de pesquisa e a intervenção resultante dela é pensar a não neutralidade científica. No caso desse trabalho, deixamos evidente que é uma tentativa de contribuição para fortalecer o conhecimento da classe trabalhadora brasileira e uma intervenção qualificada para e com ela.

A construção teórica elaborada no presente artigo, intitulado “FEMINIZAÇÃO DA POBREZA E A RESISTÊNCIA DAS MULHERES: relações patriarcais de sexo na complexidade da luta de classes” têm por pretensão contribuir com o debate sobre a feminização da pobreza enquanto expressão da Questão Social no Brasil contemporâneo. Dessa forma, trata-se de uma incitação ao debate sobre a necessidade de analisar as mulheres em situação de pobreza como sujeito parte da classe trabalhadora desse tempo e dessa forma, que é atacada não apenas pelas contradições do capitalismo, mas também de sua articulação com patriarcado e com o racismo, sendo assim, sujeito ativo na luta de classes. Para isso, objetiva contribuir no estudo das características desse contingente populacional – as mulheres pobres brasileiras –, e para além disso, também tem por pretensão trazer elementos para a discussão sobre a organização (ou não organização) dessa determinada parcela da população levando em consideração as implicações de ser uma mulher pobre no Brasil contemporâneo.

Não obstante, esse processo de pesquisa se dá no seio de um momento particular do Brasil. Tendo como cenário a atual crise do modo de produção capitalista em seu estágio mais complexo de financeirização. Entendemos a crise contemporânea como uma crise estrutural do capitalismo, que atinge diretamente a classe trabalhadora e é um sanguessuga da vida e do trabalho humano. Para o Brasil, essa crise tem se manifestado em um gradativo aumento das desigualdades sociais, marcado pela atuação de um Estado prioritariamente enquanto comitê da burguesia, que cotidianamente põe em prática ataques aos direitos historicamente conquistados e às políticas sociais no Brasil.

O acúmulo teórico que esse trabalho objetiva trazer é quanto a especialização da luta contra a crise do capitalismo e contra a sua lógica de exploração da vida e do trabalho humano. Assim, elegemos o contingente populacional das mulheres pobres e seu processo de resistência como central na nossa análise, para que possamos de alguma forma, estar em coalizção com a radicalidade dessa luta, e é disso que trataremos a seguir.

A construção do artigo foi efetuada em três momentos. O primeiro para compreender o radical que dá subsídio a manutenção da lógica de desigualdade entre os sexos, trazendo ao debate os conceitos centrais de patriarcado em Delphy (2009b) e Saffioti (2004) e Engels (2006) e a centralidade dessa discussão tendo como cenário a Divisão Sexual do Trabalho no capitalismo com Cisne e Santos (2018) e Federici e Cox (2020). Isso por que, para compreendermos a funcionalidade da desigualdade sexual, é necessário analisar a influência do modo de produção capitalista.

No segundo momento, o objetivo é analisar o processo de feminização da pobreza a partir de Lavinias (1996), Saffioti (1987) e Cisne e Santos (2018). O objetivo é identificar o crescente movimento de responsabilizar as mulheres pela gestão da pobreza no Brasil e de que forma isso também se torna uma face da manutenção da opressão das mulheres. O terceiro momento, como caminho construído pelos momentos anteriores, trata da importância das formas da resistência das mulheres frente a exploração do sistema patriarcal-capitalista-racista – é sobre essa realidade que deteremos atenção.

2 | DESENVOLVIMENTO

A realidade das mulheres por muito tempo foi colocada não apenas em segundo plano na análise da existência humana, mas como algo não existente. Como bem aponta Lerner (2019), um dos grandes feitos históricos do patriarcado foi o apagamento intencional da história das mulheres da história da humanidade. A construção de um ser humano genérico, nada mais é do que a sistematização do pensamento dos homens, brancos, europeus que colonizaram o mundo ao seu modo de pensamento. Resgatar a história das mulheres é mais do que dizer que o ser humano tem outro sexo, é evidenciar o processo de dominação e de resistência das mulheres na história, resgatando seus feitos e suas particularidades.

Para evidenciar a singularidade do ser social, a vasta pluralidade que contém sua universalidade é preciso que evidenciemos a diversidade humana. Dessa forma, para entender o que é “ser mulher” nos dias de hoje precisamos resgatar um debate histórico que foi e ainda é alvo de deturpação. Sobre esse movimento histórico é que, para fins didáticos, nos atemos aos conceitos de patriarcado, racismo e capitalismo para entender a construção histórica da desigualdade entre sujeitos dos diferentes sexos.

Cristine Delphy (2009b, p.174) conceituou patriarcado como a “combinação das palavras gregas *pater* (pai) e *arker* (origem e comando). [...] o patriarcado é literalmente a autoridade do pai.”. Quando analisamos a aplicabilidade dessa autoridade temos como expressões não apenas o comando do homem na figura do pai restrito ao espaço da casa, mas como gestor de uma sociedade feita por e para homens, onde o lugar das mulheres é de dominação e submissão a eles. O patriarcado emerge como “primeira divisão da sociedade em classes”, como aponta Engels (2006) e representa não apenas um antagonismo de interesses, mas um sistema social onde o poder sobre todas as coisas da sociedade é destinado aos homens, inclusive o poder sobre as mulheres, transformando-as em propriedades e servas, assim como a terra e os animais.

Enquanto sistema, de acordo com Saffioti (2004), essa ordem dá legitimidade à dominação dos homens sobre as mulheres, construindo uma realidade de opressão sobre elas. Sendo o poder do homem maior que o das mulheres, constrói-se o binômio dominação-exploração sobre a vida, o trabalho, o corpo e a sexualidade delas. Designando aos homens serem donos das mulheres, gerando para eles privilégios e condenando a submissão e a criminalização de todas as expressões tidas como femininas.

Historicamente, as relações patriarcais de sexo¹ consolidam e perpetuam uma relação normativa de papéis sociais. Quando pensamos as inúmeras situações apresentadas pelo cotidiano é possível ver essa desigualdade de forma latente. Em concordância com Engels (2006, p.75), é possível identificar que o patriarcado ainda não teve seu fim e está presente em todos os momentos históricos, desde seu prelúdio até os dias atuais, já que:

A mulher foi degradada, convertida em servidora, em escrava do prazer do homem e em mero instrumento de reprodução. Esse rebaixamento da condição da mulher, tal como aparece abertamente, sobretudo entre os gregos dos tempos heroicos e mais ainda dos tempos clássicos, tem sido gradualmente retocado, dissimulado e, em alguns lugares, até revestido de formas mais suaves, mas de modo algum eliminado”. (ENGELS, 2006, p. 75).

Assim, o sistema patriarcal, vem através do tempo se consolidando como ordem vigente nas relações sociais humanas. Baseado em segregação e exploração, as mulheres através da história foram colocadas em papéis secundários e subservientes frente ao poder masculino.

¹ Em consonância com o construído teoricamente pelos debates feministas no campo da teoria social crítica, concordamos e faremos uso do o termo no presente trabalho, pois ele refere-se “às relações antagonônicas, conflitantes, permeadas por hierarquias entre sexos[...]” (CISNE, SANTOS. 2018. p. 55).

Não obstante, os problemas colocados para as mulheres não se encerraram com a emergência do patriarcado e para compreender essa problemática nos dias atuais, é preciso trazer ao debate outros dois sistemas socialmente construídos, o capitalismo e o racismo. Compreendemos que as relações sociais têm uma base fundante geral: o trabalho. E é a partir do trabalho que podemos entender várias facetas da exploração das mulheres. É necessário perceber os sistemas patriarcal, racista e capitalista como faces de um mesmo prisma que reflete inúmeras opressões para as mulheres. Como diz Cisne e Santos (2018):

[...] essa fusão foi e é absolutamente funcional para a produção e reprodução do capital, uma vez que no patriarcado e no racismo encontramos bases para o entendimento da exploração intensificada da força de trabalho, condição central para a reprodução de situações concretas da exploração e das múltiplas expressões. (CISNE, SANTOS.2018, p. 25).

Dessa forma, o capitalismo enquanto sistema legitimador da exploração intensa da vida e força de trabalho da classe trabalhadora, também compreende que determinadas parcelas dela, podem ser exploradas com mais violência, esse é o caso das mulheres e das pessoas negras, já que, como apresenta Souza-Lobo (2011).

[...] sexismo e racismo são questões políticas [diria também, econômicas], que fazem parte da nossa vida, do dia a dia das que procuram emprego, vão a hospitais ou postos de saúde, abortam escondidas como criminosas, amam, andam pelas ruas, cuidam dos filhos (SOUZA-LOBO, 2011, p. 288).

A sociedade que conhecemos hoje é fundada em desigualdades, em contradições que forçam determinados sujeitos sociais às mais degradantes condições de vida. A estruturação do sistema de dominação e exploração patriarcal-racista-capitalista é a evidência mais contundente da coextensividade da exploração humana como forma de garantir o status de dominação para a classe dona dos meios de produção.

Dessa relação, quando analisamos as contradições entre capital e trabalho podemos identificar uma divisão específica dentro da produtividade do capitalismo, a Divisão Sexual do Trabalho². Essa divisão restringe o espaço ocupacional de homens e mulheres na sociedade do trabalho, deixando para os homens à esfera produtiva e para as mulheres à esfera reprodutiva. A sociedade de classes firmou um muro entre essas duas esferas, categorizando apenas a produtiva como espaço de trabalho e transformando a reprodução social apenas em “afazeres domésticos” designados estritamente às mulheres, por uma “capacidade natural” inerente a elas. E sobre isso que afirma Federici e Cox (2020, p. 11) quando afirmam que “o trabalho doméstico e a família são os pilares da produção capitalista”.

2 A divisão sexual do trabalho é a divisão de atribuições, tarefas e lugares sociais para mulheres e homens, decorrentes das relações sociais de sexo. Essa forma é historicamente adaptada a cada sociedade e tem por característica a destinação prioritária dos homens a atividades produtivas (ocupações de forte valor social agregado, como comércio, indústria, empreendimentos, e na política) e a mulheres à esfera reprodutiva (atividades relacionadas a cuidados e afazeres domésticos). Essa divisão repercute fortemente nos cargos e funções ocupados pelas mulheres e em seus rendimentos, já que são destinadas às mulheres principalmente tarefas e ocupações que remetem a cuidado e serviços que são menos valorizados socialmente. (SECRETARIA NACIONAL DE POLÍTICAS PARA AS MULHERES, 2016)

Essa divisão através do trabalho cria uma cisão entre homens e mulheres que vai além da diferença biológica, como apontam os fundamentalistas conservadores. A construção histórica dessa desigualdade gera uma exploração especializada das mulheres, sobretudo das mulheres negras. Essa separação fica evidente quando analisamos a realidade das mulheres à luz da análise de uma sociedade de classes, e é possível perceber isso em todos os países de controle capitalista, assim como o Brasil.

2.1 A face feminina da classe trabalhadora no Brasil

Patriarcado, racismo e capitalismo são os alicerces que fundam a configuração das relações sociais como conhecemos hoje no Brasil. A destinação do trabalho reprodutivo para as mulheres com a construção do mito das expressões da feminilidade através do cuidado do outro é um artifício para o não reconhecimento do trabalho das mulheres, e por consequência, da sua não remuneração, como sintetizam Federici e Cox (2020) “desde que o termo mulher se tornou sinônimo de dona de casa, nós carregamos, para onde quer que vamos, essa identidade e as “habilidades domésticas” que nos são dadas ao nascer” (FEDERICI, COX, 2020, p.15).

Desta forma, segundo Saffioti (1987) esses sistemas devem ser entendidos de forma articulada e interdependente:

Só mesmo para tentar tornar mais fácil a compreensão deste fenômeno, podem-se separar estes três sistemas. Na realidade concreta, eles são inseparáveis, pois se transformaram, através deste processo simbiótico, em um único sistema de dominação-exploração [...]. (SAFFIOTI, 1987, p. 60)

A interdependência ou a coextensão desses sistemas de opressão produzem desigualdades particulares a esse modo de produção. Compreendemos que a junção desse sistema patriarcal-racista-capitalista, tem suas raízes no Brasil desde a chegada das caravelas dos colonizadores³, que trouxeram exploração sexual e da força de trabalho das indígenas brasileiras, passando pela exploração sexual e do trabalho das mulheres negras que foram escravizadas no Brasil. O elemento do racismo condicionou ainda uma diferenciação da exploração entre as próprias mulheres, onde as mulheres brancas eram resignadas ao cuidado da casa, a serem objeto particular de seus maridos e não serem consideradas cidadãs, enquanto as mulheres negras tinham sua força de trabalho explorada, eram estupradas e não tinham direito a sua própria vida e liberdade.

Esse é um elemento central para compreender a formação sócio-histórica do povo brasileiro, pois foi articulando classe, patriarcado e racismo que se construiu uma das parcelas mais exploradas da classe trabalhadora até os dias atuais, as mulheres pobres e negras. Não é possível dizer que nosso passado não deixou marcas nas relações sociais do

3 Começando com a colonização das Américas e do Caribe, uma distinção hierárquica e dicotômica entre humanos e não humanos foi imposta sobre os colonizados, a serviço dos interesses do homem ocidental – e ela foi acompanhada por outras distinções que obedeciam a mesma lógica, como aquela entre homens e mulheres. Esse tipo de diferenciação se tornou uma marca da humanidade e da civilização (LUGONES, 2019, p. 358)

presente. Esse sistema se alastrou como praga em todas as esferas da vida em sociedade, da cultura, religiões e ideologia, por isso sua radicalidade e dificuldade de destruição.

As mulheres negras e indígenas foram exploradas no processo de colonização, as mulheres foram extremamente torturadas e violentadas sexualmente de diversas formas no período da Ditadura Militar brasileira, as mulheres são violentadas e exploradas no campo, nas cidades, nas periferias do Brasil. A violência é um marcante elemento na vida das mulheres, ela ocorre em casa, na rua, no trabalho, no transporte coletivo e é praticada de forma esmagadora por homens. O Brasil é o quinto país que mais mata mulheres no mundo.

Na articulação do sistema patriarcal-racista-capitalista, podemos identificar mais uma face atribuída às mulheres: a face da pobreza brasileira. O Brasil, que em 2017 tinham mais de 50 milhões de brasileiros vivendo na linha da pobreza⁴, segundo pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), esse perfil da pobreza tem uma determinada cor e endereço, e quando falamos do gênero dessas pessoas esbarramos nas mulheres pobres. Segundo Lavinias (1996):

A feminização da pobreza aparece hoje como um fenômeno contemporâneo de destaque diante do aumento do número dos pobres em escala planetária. Surge assim uma categoria sexuada que parece ter características próprias ao reunir duas fragilidades: ser do sexo feminino e ser carente (LAVINAS, 1996, p. 464).

Ser pobre é justamente não ter acesso à qualidade de vida, e às mulheres em condição de pobreza estão em grande desvantagem. A elas sobram os piores empregos, a negação ou inserção precária no sistema educacional, as periferias e favelas, sem direito à cidade, sem políticas de saneamento básico, alimentação segura, creches e escolas públicas de qualidade para seus filhos. As mulheres que morrem nos processos de aborto clandestino, ou se não morrem, são presas e taxadas pelo Estado como criminosas. São as mulheres travestis e transexuais que tem menos ainda garantia de vida.

As mulheres estão nos inúmeros casos de pobreza no Brasil, com salários insalubres e/ou condicionadas ao trabalho informal precarizado, além do alto índice de desemprego. O país detém o maior contingente de empregadas domésticas do mundo⁵, segundo o IBGE, são cerca de 7 milhões de mulheres – em sua maioria negras, e de baixa escolaridade – nessa condição.

Enquanto isso, o Estado brasileiro manifesta-se omissivo quanto a vida das mulheres. Atualmente, com um cenário político de extremo conservadorismo, vemos a redução dos direitos sociais como ataques diretos à classe trabalhadora e às mulheres.

Um grande exemplo dessa responsabilização das mulheres na gestão da pobreza

4 “No Dia da Mulher, estatísticas sobre trabalho mostram desigualdade.” Acesso em 01 de abril de 2019. Disponível em <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia/noticias/20287-no-dia-da-mulher-estatisticas-sobre-trabalho-mostrar-desigualdade.html>

5 “O que faz o Brasil ter a maior população de domésticas do mundo.” Acesso em 01 de abril de 2019. Disponível em <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-43120953>>

é o Programa Bolsa Família (maior programa de transferência de renda do Brasil). Mesmo sendo prioridade no acesso ao benefício do Programa, as mulheres sofrem com as condicionalidades impostas por ele, padecendo da sobrecarga do gerenciamento dos valores que recebem. Dessa forma, concordamos com Cisne e Santos (2018):

[...] não basta às mulheres passarem a ser titulares nos programas, é necessário pensar os programas e as políticas públicas em uma perspectiva feminista, ou seja, que não reforce a divisão sexual e racial do trabalho, a sobrecarga de responsabilidades ditas femininas e que possibilite o avanço para a autonomia das mulheres, assegurando condições legais de trabalho (CISNE, SANTOS, 2018, p. 124).

Em face a realidade de retirada de direitos e subalternização das mulheres brasileiras, é necessário enfatizar a necessidade de uma articulação contrária a manutenção desse sistema e que tenha as mulheres como sujeito político principal por suas demandas específicas. E dessa forma, é que para nós se apresenta a necessidade do feminismo.

2.1.1 Transformar a realidade sem medo de ser mulher

Mesmo com esse contexto de superexploração da força de trabalho das mulheres é necessário situar que frente a essa realidade sempre houve luta. O processo de resistência histórico dessa parcela da população surge dentro do processo de exploração. Foi no transcorrer das grandes revoluções na Europa que surge o que fica conhecido como Movimento Feminista. O feminismo, como descreve Simone de Beauvoir “é um modo de viver individualmente e de lutar coletivamente”, é conceituado como um movimento social e político que tem sua gênese no final do século XVIII na Europa. Carrega a noção de consciência da desigualdade advinda do sistema patriarcal e luta por direitos e emancipação para as mulheres.

O surgimento do feminismo ocorre em consonância direta a contestação da exploração do Modo de Produção Capitalista. No contexto da Revolução Industrial, com a inserção extremamente precária das mulheres no mercado de trabalho e o aumento do uso dessa mão de obra, o movimento feminista se coaduna com o movimento operário em prol de transformações na vida das mulheres e da classe trabalhadora. A organização das mulheres nos partidos socialistas também cresceu, tendo como expoentes representantes Clara Zetkin que deu grandes contribuições quanto a necessidade de reivindicar a luta das mulheres na luta socialista; e Rosa Luxemburgo que travava disputas como dirigente do partido com os homens que não aceitavam essa posição para uma mulher, ambas se organizavam no Partido da Social Democracia Alemã (SPD). Na decorrência do século XX a luta pelo sufrágio feminino na Europa fortificou o cenário das lutas feministas, sendo a Nova Zelândia o primeiro país a conceder o direito ao voto feminino em 1893.

Ainda, com a ocorrência das duas grandes guerras, as mulheres conseguiram ampliar, mesmo que em condições precárias, sua inserção no mundo do trabalho. As

décadas de 1930 e 1940 foram determinantes para o avanço do sufrágio feminino, na luta pela escolarização e acesso ao mundo do trabalho. É nos anos 1960 que se inaugura a noção de que a hierarquia construída do sexo masculino sobre o feminino como uma fatalidade biológica. Além das fábricas, as mulheres lutam para o reconhecimento e pagamento do trabalho reprodutivo:

[...] quando afirmamos que o trabalho reprodutivo é produção capitalista, estamos esclarecendo nosso papel específico na divisão capitalista do trabalho e as formas específicas que nossa revolta deve assumir. [...] quando afirmamos que produzimos capital, o que afirmamos é que podemos e queremos destruí-lo [...] (FEDERICI, COX, 2020, p. 13).

O feminismo no Brasil veio nas saias das mulheres europeias, com diferentes condições de vida e diferente cultura. Dessa forma, por reivindicar questões trabalhistas e de sufrágio, foi secundária nesse momento o debate sobre as condições de vida da mulher, especialmente a violência de gênero contra as mulheres. A limitação do debate fez com que o feminismo chegue as salas das senhoras, mas não aos barracos e vielas onde estavam as mulheres pobres.

Ao passo que surge e se fortalece a noção de emancipação formal através dos direitos que até então só chegavam as mulheres burguesas com o feminismo norte-americano e europeu, também é presente a discussão das mulheres socialistas que reivindicam o feminismo como pauta nos partidos e sindicatos de base, nesse momento, são elas que conseguem aproximar o debate das mulheres da classe trabalhadora.

Com o passar do tempo é possível identificar que a luta feminista ganhou muito espaço junto às mulheres jovens, principalmente as mais escolarizadas. São comuns rodas de debates, mesas redondas, seminários e congressos acadêmicos sobre a temática. Desta forma, a grande problematização que objetivamos tecer é se a luta das mulheres através do feminismo chega igualmente a todas as mulheres. Em concordância com Saffioti (1992):

A construção do gênero pode, pois, ser compreendida como um processo infinito de modelagem-conquista dos seres humanos, que tem lugar na trama de relações sociais entre mulheres, entre homens e entre mulheres e homens. Também as classes sociais se formam na e através das relações sociais. Pensar estes agrupamentos humanos como estruturalmente dados, quando a estrutura consiste apenas numa possibilidade, significa congelá-los, retirando da cena a personagem central da história, ou seja, as relações sociais. O resgate de uma ontologia relacional deve ser, portanto, parte integrante de uma maneira feminista de fazer ciência. Esta constitui também uma forma de repor os seres humanos no objeto da ciência; uma maneira, em suma, de tornar HUMANAS as Ciências Humanas (SAFFIOTI, 1992, p. 211).

No cotidiano incessante da classe trabalhadora, as mulheres mais pobres que tem diversas ocupações, muitas vezes ficam invisibilizadas na discussão do feminismo. Enquanto, para a maioria das mulheres escolarizadas e que frequentam as universidades é de “fácil” acesso leituras como Simone de Beauvoir, Heleith Saffioti e Alexandra Kollontai,

para as mulheres que não tem condições mínimas de vida, é necessário que seja pensado a luta feminista com as suas particularidades.

É preciso analisar no cotidiano das mulheres da classe trabalhadora como expressão do feminismo. Quando as mulheres denunciam a violência que sofrem dentro de casa, quando se ajudam para garantir sua sobrevivência. O conhecimento sobre as obras produzidas pelo feminismo não necessariamente chega a essas mulheres, contudo, a construção teórica surge da realidade em que as mulheres estão situadas. Dessa forma, pensar a relação dialética da produção do conhecimento requer atenção a realidade.

Tendo como referencial a frase celebre de Rosa Luxemburgo (1974) na obra “A crise da social democracia”, “[...] não estamos perdidos e venceremos, se não tivermos desaprendido a aprender”, é preciso que através do movimento de pesquisa, busquemos conhecer a vida dessas mulheres, suas demandas, pensamentos e necessidades específicas de sua condição de vida.

Sabendo do avanço dos debates de sexo/gênero no espaço acadêmico, é preciso incluir as mulheres pobres, não apenas como objeto de estudo, mas como sujeitas ativas no processo de produção de conhecimento. É preciso diminuir distâncias. Ouvir as mulheres, e perceber que o que nos une, – sermos mulheres de uma mesma classe, extremamente exploradas por essa condição – é o que nos une e dá forças e esperança na superação dessa ordem.

Não é o objetivo dizer que as mulheres pobres sofrem mais que as mulheres não pobres nas relações patriarcais, mas que existem outros determinantes que precisam ser vistos e que a dimensão da classe não pode ser escamoteada nesse processo, visto que as desigualdades estruturais do sistema capitalista são violentas e tem foco na classe trabalhadora. Ainda, que é necessário construir uma análise do que o feminismo foi capaz até o presente momento, tendo olhar crítico e histórico para os avanços do movimento no Brasil. A necessidade de fortalecer espaços de diálogo, que a *práxis* seja concreta coalizando os elementos da teoria e pratica, e onde as mulheres se sintam seguras e possam escrever e transformar sua história sem que nenhuma seja deixada para trás.

Desta feita, é necessário compreender que com o avanço do modo de produção capitalista, especialmente com a ocorrência de suas crises estruturais, as expressões da Questão Social se amplificam e se apresentam de forma multifacetada. Quanto mais complexo o sistema em crise, mais complexas são as expressões da Questão Social. A principal alternativa do capitalismo para sair dos processos de crise é o aumento da exploração do trabalho e vida da classe trabalhadora, dando possibilidades de aumento de lucro para o capital.

Frente a essa superexploração da classe trabalhadora, as inflexões da crise se apresentam em perdas de direitos cotidianas. Isso é possível de ser identificado nos projetos e programas governamentais, que visam o desmonte das leis e direitos trabalhistas e da Seguridade Social brasileira. Também se expressa na focalização, descentralização e

privatização das Políticas Sociais brasileiras.

Não obstante, quando se recorre à composição da classe trabalhadora, é possível compreender que os diversos setores de classe sofrem de maneira diferente as manifestações da crise. Quanto às mulheres mais pobres do Brasil, onde a emergente necessidade é de comer e trabalhar para gerar o sustento de seu grupo familiar, a radicalidade de um projeto de vida é latente.

3 | CONCLUSÃO

A construção dessa pesquisa teve como objetivo principal analisar o movimento histórico da realidade e trazer elementos sobre a feminização da pobreza no Brasil e as possibilidades de resistência das mulheres pobres contra o sistema patriarcal-racista-capitalista, apreendendo suas implicações sócio espaciais e seus desafios políticos-organizativos.

O feminismo enquanto luta específica (mas não exclusiva) das mulheres é uma grande força motriz de enfrentamento da cruel realidade que temos no Brasil contemporâneo, marcado por crises, retirada de direitos e alarmante complexificação das expressões das desigualdades. Dessa forma, é preciso articular radicalmente o debate de relações patriarcais de sexo à luta por uma sociedade dominada pelos desvalores do capitalismo. Dessa forma, trazemos como substrato a necessidade emergente de considerar as mulheres pobres do Brasil enquanto gente de direitos, e especialmente enquanto sujeitos políticos que tem capacidade de transformar a sua história.

Concluimos com o reforço de perceber o capitalismo articulado com o patriarcado e com o racismo. A luta unicamente pelo fim do capitalismo, assim como a luta pelos direitos específicos das mulheres não nos basta. É preciso que a radicalidade da nossa luta seja maior que a radicalidade dos ataques desse sistema maligno contra as nossas vidas. Compreender a classe trabalhadora como elemento central da nossa organização e também compreender a diversidade contida nela e que a vitória coletiva do povo é a que liberta as amarras do capital, do racismo e do patriarcado.

O convite a construção coletiva dessa nova realidade é cotidiano para aquelas que já não suportam carregar o fardo da realidade posta às mulheres, temos que explodir a luta feminista para fora dos muros das universidades, passando pelos bairros de periferia, pelas comunidades ribeirinhas, pelo campo e pela cidade, para que possamos caminhar juntas para o horizonte da transformação.

REFERÊNCIAS

BBC News. **O que faz o Brasil ter a maior população de domésticas do mundo.** Acesso em 01 de abril de 2019. Disponível em < <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-43120953>>

CISNE, Mirla e SANTOS, Silvana. **Feminismo, diversidade sexual e serviço social**, São Paulo: Cortez, 2018. (Biblioteca básica de Serviço Social)

DELPHY, Christine. In: HITARA, Helena et al. (orgs.). **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: Editora da Unesp, 2009b.

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. Tradução de Ruth M. Klaus: 3ª. Centauro Editora, São Paulo, 2006.

FEDERICI, Silvia e COX, Nicole. **Contra-atacando desde a cozinha – Salários para o trabalho doméstico: uma perspectiva sobre o capital e a esquerda**. Ed. Terra sem amos. Brasil, 2020. 36p.

LAVINAS, Lena. **As mulheres no universo da pobreza. O caso brasileiro**. p. 464 - 479 Estudos Feministas nº02/1996.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens**. Tradução: Luiza Sallera. – São Paulo. Editora Cultrix, 2019.

LUGONES, María. **Rumo a um feminismo decolonial**. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). Pensamento feminista: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 356-377.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **O Poder do Macho**. São Paulo: Editora Moderna, 1987.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado e violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SAFFIOTI, Heleieth. **Rearticulando gênero e classe social**. In: Uma questão de gênero / Albertina de Oliveira Costa, Cristina Bruschini, Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; 1992.

SILVEIRA, Clara e COSTA, Renata. **Patriarcado e capitalismo: binômio dominação- exploração nas relações de gênero**. Acesso em 01 de abril de 2019. Disponível em: < https://strabalhoegenero.cienciassociais.ufg.br/up/245/o/PATRIARCADO_E_CAPITALISMO_BIN%C3%94MIO_DOMINA%C3%87%C3%83O-EXPLORA%C3%87%C3%83O.pdf>

SOUZA-LOBO, Elisabeth. **A classe operária tem dois sexos: trabalho, dominação e resistência**. São Paulo: Perseu Abramo, 2011.

SOBRE OS ORGANIZADORES

EDUARDO JOSÉ DA SILVA TOMÉ MARQUES - É professor em Serviço Social na Universidade dos Açores – Portugal, onde leciona diversas unidades curriculares no âmbito do Serviço Social. Também leciona no Curso de Mestrado em Políticas Sociais e Dinâmicas Regionais. Foi diretor do Curso da Licenciatura em Serviço Social na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade dos Açores. Ao nível das suas qualificações académicas, é Doutor Europeu em Serviço Social pela Universidade Complutense de Madrid – Espanha (2016), Mestre em Família e Sistemas Sociais pelo Instituto Superior Miguel Torga de Coimbra - Portugal (2000) e Licenciado em Serviço Social pelo Instituto Superior de Serviço Social de Coimbra - Portugal (1991). Atualmente é investigador afiliado no Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais - Pólo da Universidade dos Açores, CICS.NOVA.UAc e anteriormente fez parte do C3i - Coordenação Interdisciplinar para a Investigação e Inovação. Ao longo da sua actividade docente e de investigador tem colaborado com diversas Revistas e Editoras. Nesse contexto é membro do Comité Editorial Internacional da Revista “Espacios Transnacionales - Revista Latinoamericana-Europea de Pensamiento y Acción Social e é membro do Comité Editorial da Revista Científica UISRAEL. Colabora como Revisor de artigos científicos da Revista “Cuadernos de Trabajo Social” (Espanha) e da revista “Veredas: Revista del pensamiento Sociológico” (México). Faz parte do Comité Científico de la Red de Investigación de Diversidad en Organizaciones, Comunidades y Naciones. Como professor colaborou em Universidades de Verão: Vorarlberg University of Applied Sciences, Dornbirn – Austria e Università Degli Studi Di Parma – Italy, tendo participado como orador nas semanas internacionais da Thomas More University na Bélgica e da Inholland University of Applied Sciences na Holanda. Também lecionou em diferentes cursos de licenciatura, mestrados e/ou desenvolveu workshops em contextos internacionais, designadamente na Western Norway University of Applied Sciences (Noruega); Universidad Complutense de Madrid (Espanha), Universidad Pablo de Olavide de Sevilla (Espanha); Universidad Nacional de Educación a Distancia (Espanha); University of Michigan - School of Social Work (USA); Universidad Autónoma Metropolitana – Unidad Xochimilco (México), Bergen University College (Noruega). Alice Salomon Hochschule Berlin (Alemanha); Instituto Superior de Ciências e Tecnologia de Moçambique (Moçambique), etc. Ao longo da sua actividade esteve sempre envolvido em projetos de cooperação internacional. Actualmente participa no Projeto Erasmus+ ESCUTA-Empreendedorismos Social Comunitário Universitário Transnacional-Açores. Esteve envolvido na concepção, desenvolvimento e participou como e-professor na VIRCAMP - Social Work Virtual Campus, projeto pioneiro no ensino internacional do serviço social que envolve várias universidades europeias e de fora da Europa (<https://vircamp.net>). Desde de 2008 que tem desenvolvido projetos e trabalho no âmbito da intervenção psicossocial em catástrofes, serviço social ambiental e intervenção comunitária criativa. Têm experiência profissional em Gestão de Projetos, foi dirigente associativo em várias organizações da economia social, Consultor da Skillent/i9social, Revisor de candidaturas no âmbito do Programa Cidadãos Ativ@s e avaliador externo do programa ERASMUS +.

Atualmente o autor é Embaixador do Pacto Europeu para o Clima” no âmbito da iniciativa da União Europeia para o clima (DG CLIMA).

ADRIANA REGINA VETTORAZZI SCHMITT - Doutoranda em Educação do PPGEDU URI. Mestre pelo Programa de Pós-graduação Federal em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT). Graduação em Serviço Social pela Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC - 2009). Assistente social no Instituto Federal de Santa Catarina campus de São Miguel do Oeste (IFSC). Membro do Grupo de Pesquisa em Ensino, Experiências Docentes e Interdisciplinaridade (GPEEDI) CNPQ área de Ciências humanas e Educação. Membro do Grupo de pesquisa “Rede Iberoamericana de Estudos em Docência, Emancipação e Direito Educativo - RIEDEDE” CNPQ. Membro do Grupo de pesquisa “Gerações: Grupo de Estudos e Pesquisas sobre os Sujeitos da Educação Profissional e Tecnológica (EPT)”. Membro da comissão editorial da Atena editora. Membro do (NEIPS) Núcleo Especializado na Integração dos Programas Sociais do IFSC. Membro do (NAPNE) Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Especiais do IFSC. Integrante permanente da Comissão de Permanência e Êxito do IFSC -SMO. Membro da Comissão de Avaliação de Ingressantes Cotistas no IFSC - SMO. Experiência Profissional na área de Serviço Social, atuando principalmente na educação, trabalho, serviço social e direitos fundamentais.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acolhimento 6, 58, 66, 70, 71, 79, 85, 92

Adolescência 70

Ambiental 1, 2, 5, 6, 7, 10, 11, 14, 148

Antropocêntrico 1, 2, 10

Apoio social 5, 12

Área de conhecimento 7

Assistência social 46, 68, 69, 70, 72, 74, 113, 132, 133, 136, 137, 138, 139, 140, 143

Assistente social 1, 3, 6, 10, 13, 16, 20, 21, 27, 28, 29, 30, 37, 65, 66, 68, 69, 72, 73, 74, 76, 77, 78, 81, 83, 84, 85, 86, 88, 117, 118, 119, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 139, 143, 144, 145, 147, 149

Avaliação diagnóstica 6

B

Bem-estar 1, 2, 4, 5, 6, 8, 9, 10, 11, 14, 64

C

Científico 2, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 14, 17, 28, 148

Complexidade 20, 44, 47, 53, 57, 58, 59, 68, 70, 72, 120, 121, 138

Comportamentos 5, 34, 135

Conhecimento 1, 2, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 14, 15, 24, 27, 28, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 67, 72, 73, 82, 101, 115, 116, 117, 118, 121, 129, 143, 146, 147

Constituição Federal 59, 70, 74, 79, 133

Contexto social 47

Crianças 4, 11, 57, 58, 59, 61, 62, 63, 64, 65, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 98

D

Demandas 29, 39, 57, 58, 61, 69, 71, 72, 74, 77, 78, 82, 83, 103, 105, 121, 127, 129, 134, 136, 138, 146

Desafios 1, 6, 13, 20, 21, 26, 31, 32, 38, 39, 40, 52, 54, 56, 58, 72, 73, 74, 75, 77, 86, 97, 102, 109, 130, 132, 133, 136, 137, 139, 146

Diagnóstico 6, 7

Dignidade 70

Direitos 1, 8, 9, 10, 12, 13, 14, 21, 22, 29, 30, 34, 38, 41, 44, 45, 52, 54, 59, 66, 67, 69, 71, 72, 73, 78, 80, 82, 84, 91, 93, 94, 111, 112, 113, 115, 117, 118, 122, 126, 127, 128, 129, 130, 132, 133, 138, 149

Disciplina 6, 13, 48, 84

E

Educação 1, 4, 5, 11, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 42, 47, 49, 50, 55, 56, 66, 70, 71, 102, 109, 113, 114, 116, 118, 119, 149

Efetivação 38, 63, 73, 74, 85, 89, 91, 94, 118, 145

Epistemologia do serviço social 1, 6, 12

F

Família 3, 4, 6, 9, 12, 57, 58, 59, 60, 61, 63, 64, 65, 66, 67, 69, 70, 73, 78, 79, 82, 84, 85, 88, 89, 94, 95, 96, 97, 99, 107, 108, 113, 124, 127, 131, 137, 139, 140, 142, 144

Ferramenta 5, 48, 69

Fundamentais 29, 47, 59, 71, 73, 108, 113, 118, 131, 149

G

Generalista 1

Grupos de apoio 3

H

Humano 1, 2, 4, 5, 8, 11, 12, 13, 14, 28, 81, 89, 105, 121, 122, 134, 136

I

Idosos 11, 64, 65, 90, 97, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119

Instituições 3, 22, 23, 25, 26, 28, 29, 30, 69, 80, 81, 145

Interações 5, 8, 11

Intervenção assistida 1, 2, 11, 12, 13, 14

Intervenção com animais 2, 17, 18, 19

Intervenção social 1, 2, 7, 14

M

Machismo 1

Mulher 10, 57, 58, 60, 61, 64, 65, 106, 121, 123, 125, 126, 127, 128

Mundo 1, 9, 13, 21, 27, 42, 46, 47, 48, 49, 60, 80, 90, 97, 105, 106, 111, 122, 126, 127, 128, 130, 134, 142

P

Países lusófonos 2

Pós-graduação 2, 24, 25, 56, 88, 120, 149

Prevenção 3, 73, 74, 78, 106, 107, 108, 109, 133, 144

Profissão 1, 2, 6, 10, 13, 14, 16, 17, 21, 27, 29, 31, 32, 35, 36, 39, 40, 41, 50, 51, 54, 69, 72, 73, 74, 84, 140

Q

Questão social 25, 27, 32, 37, 41, 53, 66, 68, 73, 75, 76, 113, 120, 121, 129, 133, 136, 138, 140

R

Reflexão 1, 2, 27, 31, 32, 36, 40, 43, 45, 50, 57, 58, 68, 71, 77, 78, 118, 132, 134, 144

S

Serviço social 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 17, 18, 19, 20, 21, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 50, 51, 52, 54, 56, 57, 58, 61, 67, 68, 69, 72, 73, 74, 75, 77, 78, 84, 85, 86, 87, 99, 111, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 131, 132, 133, 135, 139, 140, 142, 143, 144, 145, 146, 148, 149

Serviço social animal 5, 6

Serviço social veterinário 1, 2, 3, 4, 5, 7, 11, 14

Suicídio 99, 100, 101, 102, 103, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 112

Superação 3, 36, 50, 62, 72, 73, 91, 96, 105, 129, 136

T

Técnica 35, 47, 81, 136, 137, 138, 139

Terapias 5, 11, 13, 58, 59, 80, 86

U

Utentes 3, 5, 6, 10, 12

V

Violência 3, 4, 5, 6, 52, 63, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 89, 91, 97, 124, 126, 128, 129, 131, 136

SERVIÇO SOCIAL:

Aplicação da ciência e seus antagonismos

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 



Atena
Editora

Ano 2021

SERVIÇO SOCIAL:

Aplicação da ciência e seus antagonismos

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 



Atena
Editora

Ano 2021